

# Celebremos a certeza da vitória

## Presidente Samora Machel, em mensagem à Nação moçambicana

O Presidente Samora Machel dirigiu uma mensagem à Nação, por ocasião do 10.º aniversário da Independência, que hoje se assinala. A mensagem, registada por todos os órgãos de informação do nosso País, é uma exaltação do Povo moçambicano,

As zero horas do dia 25 de Junho de 1975, o Comité Central da FRELIMO proclamou solenemente, em nome de todo o Povo moçambicano, a Independência total e completa de Moçambique. Nasceu a Pátria Independente que se constituiu em República Popular de Moçambique. Uma longa e dolorosa época de opressão e de humilhação, mas também de resistência e luta para sucessivas gerações de moçambicanos, chegou ao fim nesse dia, o dia maior da nossa História.

Durante séculos, o nosso povo fora objecto da mais desenfreada exploração dos seus recursos e do seu trabalho. Pela violência, pela força das armas, o ocupante estrangeiro garantiu a dominação permanente nas nossas riquezas para outras terras, outros continentes. Com os seus exércitos, com o poder destruidor dos seus canhões, com as suas leis, o colonialismo procurou bloquear a nossa História e destorcer em seu exclusivo benefício o nosso processo de desenvolvimento.

Procurou fazer crescer em nós a obediência cega e passiva, a submissão, a convicção de que éramos apenas aquilo que o colonialismo quisesse que fôssemos. Lançara e fizera crescer em nós as sementes da divisão, dos ódios tribais, do racismo e do regionalismo. Procurou convencê-nos de que não tínhamos direito a ter uma Pátria, nem terra, nem futuro.

O orgulho insubmisso dos grandes chefes do nosso povo, a sua coragem de pegar em armas mesmo na certeza da morte, a negação que os nossos heróis opuseram a todas as tentativas de corrupção e de alijamento, a resistência quotidiana à exploração e à opressão colonial, foram a principal resposta que o colonialismo encontrou no nosso País.

Esta oposição secular afirmou-se também na preservação da nossa cultura como instrumento de luta, tornando-se cultura própria. Contra todas as tentativas de despersonalização, de desatamento, contra a passividade imposta, os nossos antepassados, os nossos avós e os nossos pais souberam opor e transmitir a vitalidade imortero dos valores ancestrais. Souberam ensinar o amor pela justiça e pela liberdade, a certeza de que era possível vencer a opressão estrangeira e retomar o destino nas nossas próprias mãos.

A fundação da Frente de Libertação de Moçambique, há precisamente 23 anos, materializou na unidade e na força das convicções comuns estas características do nosso povo.

A Luta Armada de Libertação Nacional, forma suprema da nossa cultura e da nossa determinação, respondeu a todas as ofensas, a todas as humilhações, a todos os massacres e assassinatos de que fomos vítimas e deu expressão, no avanço impetuoso do povo em armas, às certezas dos nossos heróis. A vitória sobre o opressor e ocupante estrangeiro permitiu lançar as bases de um novo poder, o poder de todo o Povo moçambicano unido da Rovuma ao Maputo, e proclamar a República Popular de Moçambique, em 25 de Junho de 1975.

Nesse dia, há dez anos, saudamos pela primeira vez desfilada a bandeira nacional, bandeira da vitória sobre o colonialismo português, bandeira das nossas certezas no futuro, bandeira de um povo heróico. Eramos finalmente senhores de nós próprios na terra libertada pelas nossas armas.

Nesse dia, há dez anos, foram materializados os desejos e aspirações dos nossos heróis, de todos os sectores de moçambicanos, de todo o povo. Por isso tinham lutado e morrido o seus melhores filhos.

Nesse dia, há dez anos, compreendemos em toda a sua dimensão a grandeza imensa do País e do Povo, o orgulho de moçambicanos livres, independentes e soberanos. E jurámos, com uma só voz, com um só sentimento, entre lágrimas de emoção e de alegria, a determinação inabalável de defendermos a Pátria, a sua independência e soberania, por todos os meios e em todas as situações, com a muralha dos nossos peitos e com as mãos nuas se necessário for.

A História da primeira década da nossa Independência, a história destes dez anos é a História da luta do Povo moçambicano para cumprimento desse juramento sagrado.

Moçambicanos, Moçambicanas,

Há dez anos, atingimos o objectivo central da Luta Armada de Libertação Nacional: a Independência nacional.

Mas, como havíamos afirmado no processo da luta para nós a Independência não se tratava de um processo de substituição não queríamos apenas substituir uma bandeira por outra, um governador por outro, nem mudar a cor da pele do explorador. Não queríamos substituir a injustiça europeia por uma injustiça africana, a injustiça do colonialismo português, por uma injustiça moçambicana.

Para nós, a Independência era o acesso do nosso País à comunidade das nações soberanas. Era o início de um processo de vastas transformações, em todos os planos da sociedade, com o objectivo de edificar o poder popular, de assegurar que os frutos da Independência pertencessem de facto ao povo que por ela lutou e se sacrificou.

A natureza popular da Independência manifestou-se, desde logo, nas conquistas que realizámos e que começaram a transformar profundamente a sociedade moçambicana.

A recuperação da terra, as nacionalizações e as profundas transformações operadas na Justiça, na Educação, na Saúde, na Habitação, a abolição do comércio de cadáveres, tiveram como alcance fundamental liquidar a discriminação, colocar os sectores mais importantes da vida social ao serviço do povo, retirar à burguesia colonial a base da exploração.

pelos seus heróis, pelo seu engajamento na luta que conduziu à Independência e pelas conquistas alcançadas nos dez anos de liberdade. Na mensagem, que passamos a transcrever na íntegra, o Chefe do Estado deseja Parabéns ao Povo moçambicano.

Zimbabwe, o imperialismo transferiu para a África do Sul a organização e o comando operacional dos bandos armados.

Na no fim da década de 70, a África do Sul se tinha envolvido abertamente ao lado do regime legal rodesiano. Era relevante a sua participação nomeadamente no apoio logístico e no treino militar. Eram sul-africanos os aviões «Mirage» que reprimiam o Povo zimbabwense e agrediam Moçambique.

É neste período que as nossas Forças de Defesa e Segurança capturam os primeiros espões, saboteadores e assassinos moçambicanos treinados em campos sul-africanos.

O regime de Pretória desempenha já um papel fundamental na agressão económica ao nosso País, através do pilar dos bandos armados no Governo da FRELIMO. Queriam que participássemos o Governo com os colonos, com estrangeiros. A agressão contra o nosso País não abalou os princípios fundamentais da Revolução Socialista em Moçambique, não conseguiu estimular o tribalismo, o regionalismo, o racismo.

A acção do inimigo não abalou a unidade nacional reformadora. Os largos massas populares reconheceram no nosso Estado e nas transformações que operámos na sociedade a expressão dos seus interesses e aspirações. Reconhecem no nosso Partido a força dirigente que assegura a sua realização.

Comecemos na nossa vida Independente num país saqueado pelo colonialismo e destruído pela guerra colonial. Nestes dez anos, tivemos que enfrentar a guerra e agressões movidas pelo imperialismo e os seus agentes. Sofremos os efeitos devastadores das calamidades naturais. Apesar disso, a nossa sociedade transformou-se profundamente no sentido das aspirações populares.

Somos um País soberano e independente em que o poder exprime a vontade do povo. Liquidámos na nossa sociedade a discriminação. No nosso País todos os cidadãos são iguais perante a Lei, todos têm os mesmos direitos e deveres, independentemente da raça, na tribo, da região de origem, da crença religiosa.

Edificamos a democracia. A todos os níveis, da aldeia comum ao órgão supremo do Estado o nosso povo exerce o poder, através das Assembleias do Povo.

Os trabalhadores, as mulheres, os jovens, os intelectuais, os artistas, associam-se livremente e exprimem os seus interesses nas Organizações Democráticas de Massas e nas Associações sócio-profissionais e culturais.

Realizamos enormes esforços para levar o desenvolvimento a novas zonas do País. Onde não havia indústrias instalamos fábricas. Estamos a construir barragens e sistemas de irrigação que vão gerar riqueza e melhorar a vida de milhares e milhares de moçambicanos. Instalamos centenas de quilómetros de linhas de transportes e estradas.

Em todas as províncias existem importantes projectos de desenvolvimento. Em todos os distritos dinamiza-se a utilização dos recursos locais para melhorar a vida do povo. Em todo o País criámos novas escolas e postos sanitários.

Duplicámos o número de alunos no Ensino Primário. Cresceu quatro vezes o número de alunos do Ensino Secundário. Mais de metade dos nossos professores graduados são moçambicanos.

Os cuidados de Saúde são praticamente gratuitos. Alargámos a rede sanitária, foram vacinados milhões de cidadãos, foi erradicada a varíola.

Desenvolvemos a formação de técnicos. Hoje, os moçambicanos são professores, médicos, agrónomos, veterinários, engenheiros, juristas, economistas, pilotos de avião, oficiais da marinha, topógrafos, operários especializados.

Hoje, são moçambicanos que dirigem as empresas, a construção de barragens, os hospitais, as escolas, os portos e caminhos de ferro, as instituições em todos os sectores da actividade.

Na nossa sociedade, o homem é o factor principal, sujeito e destinatário de todo o processo de desenvolvimento económico, social e cultural. A nossa sociedade rejeita todas as formas de dominação, de opressão e de exploração. A nossa sociedade interioriza a luta permanente pela igualdade, pela justiça social, pela materialização dos direitos fundamentais do homem.

As conquistas que alcançámos são irreversíveis. O nosso povo está unido e determinado na sua defesa, porque

solidariedade dos povos, apoiámos a luta contra o Povo zimbabwense, apoiámos a luta justa do Povo sul-africano dirigido pelo ANC e do Povo namibio dirigido pelo SWAPO. Desenvolvemos activamente relações de cooperação com todos os países livres da nossa zona, no quadro da SADC.

Com base na experiência comum da luta contra o colonialismo português, mantivemos relações amplas e privilegiadas com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe.

Estabelecemos e reforçamos os laços de amizade e cooperação com os países socialistas, com os movimentos de libertação nacional e as forças progressistas de todo o Mundo, aliados naturais na luta pela paz, pela independência, pelo progresso e pela justiça.

O nosso País é membro activo do Movimento dos Países Não-Alinhados e faz parte da larga frente mundial anti-imperialista. Somos solidários com a luta dos povos pela consolidação da liberdade, pela Independência económica e pelo desenvolvimento.

Promovemos relações de cooperação com todos os países, independentemente do seu sistema político, na base do respeito pela soberania, da não-interferência e da reciprocidade de benefícios. Participamos activamente na Organização das Nações Unidas e nas suas instituições.

Praticamos consequentemente uma política de promoção da paz, de coexistência entre Estados com regimes políticos e sociais diferentes, de atenuação das tensões e de solução negociada dos conflitos.

Neste quadro, firmámos com a República da África do Sul um Acordo de não-agressão e boa vizinhança, que constitui instrumento para reafirmar os circuitos bilaterais sul-africanos e impedir a escalada de um conflito generalizado na nossa zona.

Moçambicanos, Moçambicanas,

Alegria com que celebremos a década aniversário da nossa Independência não diminui a consciência que todos devemos ter de que vivemos um momento difícil da nossa História.

Vivemos uma situação de guerra, um momento em que todo o povo é chamado a defender a Pátria. Vivemos um período de graves problemas económicos, que se reflectem hoje na nossa vida e que terão repercussões que vão prolongar no tempo a nossa situação de subdesenvolvimento.

No momento presente, o instrumento principal da conspiração internacional contra o nosso País, o atilho que eclode para disparar contra nós, são os bandos armados.

Desde o início, os alvos que o inimigo indicou aos bandos armados são evidentes: o povo, a vida económica e as conquistas populares.

O banditismo armado assassina, tortura e mutila cidadãos civis, homens, mulheres, velhos e crianças, queima as suas casas e rouba os seus haveres. O alvo é o povo.

O banditismo armado destrói mactambas, lojas, pontes, meios de transporte, depósitos de combustível, interrompe o tráfego rodoviário e ferroviário. O alvo é a vida económica, é impedir que vençamos a fome, a nudez e a miséria.

O banditismo armado destrói escolas, hospitais, procura principalmente para os assassinar professores, enfermeiros, juizes populares, deputados, membros do Partido e das Organizações Democráticas de Massas. O alvo são as conquistas populares, é impedir a extensão da Educação e da Saúde a todos os cidadãos, é destruir as estruturas democráticas de base, as formas de organização do povo, os alicerces do nosso poder.

O objectivo destas acções criminosas tem sido, desde o início, espalhar o terror, lançar o nosso País na anarquia e no caos, retirar o verdadeiro conteúdo da nossa Independência.

Os bandos armados não têm base social, não defendem interesses próprios, não representam quaisquer forças ou sectores da sociedade moçambicana.

Assim que ainda não conhecemos a paz pela qual sempre lutámos. Duas décadas após o início da luta contra o colonialismo, temos ainda de enfrentar a realidade da guerra e da destruição.

As nossas aspirações e ideais permanecem os mesmos. São aspirações e ideais justos e legítimos, que partilhamos com todos os povos.

O inimigo procura minar a vontade e determinação que sempre caracterizaram o Povo moçambicano na busca da liberdade, da paz, do progresso e da justiça.

Foi esta determinação de um povo unido em torno da FRELIMO e com objectivos justos que nos permitiu conquistar a Independência e encetar a construção da nossa Pátria Livre. Do Rovuma ao Maputo, com a mesma unidade e determinação, enfrentámos hoje as forças que pretendem destruir a nossa Independência e recolocar o nosso País no domínio da dependência.

O inimigo impõe-nos ainda a guerra. A Pátria chama todos os seus filhos ao combate intransigente pela sua defesa, pela preservação dos valores que nos definem como moçambicanos.

Para abrimos os caminhos do futuro que desejamos, para que o nosso País possa ser a terra próspera que alimenta todos os seus filhos, para que possamos edificar a felicidade e o bem-estar, para legarmos às gerações futuras o Moçambique que os nossos heróis sonharam e pelo qual deram a vida, é necessário varremos do nosso País os assassinos do povo, liquidarmos implacavelmente o terrorismo e o crime.

Esta é a nossa tarefa principal. Esta deve ser o nosso objectivo fundamental, aquilo que deve concentrar toda a nossa determinação, todas as nossas forças, toda a nossa experiência, toda a nossa inteligência.

Cada uma das nossas aspirações tem como condição essencial conquistarmos a paz e a estabilidade. Só com elas podemos libertar plenamente a energia criadora do povo, as imensas potencialidades do País.

A Independência que festejámos há dez anos nasceu da coragem, da determinação, do sangue, do suor e dos sacrifícios do nosso povo e dos seus melhores filhos. Nasceu dos calos das nossas mãos, dos pés gelados nas longas caminhadas, das costas vergadas ao peso da mochila.

Somos os herdeiros desse património sem preço que é a Independência e a liberdade. É um património que o nosso povo está determinado a manter inviolável, sejam quais forem os sacrifícios necessários, sejam quais forem os inimigos que o tentem assaltar. A nossa geração tem ainda de aceitar sacrifícios, tem ainda que enfrentar a guerra, tem ainda que derrotar a fome e a miséria.

Mas somos a primeira geração de moçambicanos livres. A geração que se bateu pela Independência, que viveu o seu nascimento, que escreveu as primeiras páginas da História do nosso País soberano.

Somos a geração que controlou os alicerces do futuro, o amanhã certo e radioso. O nosso orgulho é o de sermos os criadores da unidade nacional, do Estado unitário, da sociedade de igualdade.

Somos a geração que sabe fazer sua a luta dos outros povos.

As crianças que agora nascem viverão melhor do que os nossos avós, os nossos pais e nós próprios. E para elas, para os nossos filhos, que lutamos e trabalhamos.

Queremos que cresçam livres, sob a bandeira do nosso País independente, cidadãos de uma Pátria soberana.

Queremos que tenham escolas, onde se forme a consciência patriótica e revolucionária e construa o conhecimento.

Queremos que tenham parques e campos da Jogos, museus e bibliotecas, laboratórios e institutos de investigação técnica e científica, cinemas e teatros, onde possam desenvolver todas as suas faculdades físicas e intelectuais.

Queremos que em todos os sectores da vida social, económica e cultural haja instituições e empresas



A Pátria chama todos os seus filhos ao combate intransigente pela sua defesa, pela preservação dos valores que nos definem como moçambicanos

Para assegurar o funcionamento das muitas empresas sabotadas e abandonadas, o Estado teve de intervir. Este processo, lançado sobre o Estado a responsabilidade de gerir uma multiplicidade de médias e pequenas empresas, desde fábricas a lojas espalhadas por todo o País. Tivemos então de centralizar a gestão da maior parte da actividade industrial, comercial e de serviços.

Conseguimos travar a sabotagem económica interna e assegurar o funcionamento do essencial dessas actividades. Neutralizamos as manobras da burguesia colonial.

Perdido o seu principal agente interno, o imperialismo passou a recorrer às formas externas de agressão ao nosso País.

No quadro global da acção imperialista contra os países que procuram ser independentes e construir a Independência económica, também nós fomos alvo do boicote e vítima da deterioração dos termos de troca, e das altas taxas de juro.

Paralelamente, o inimigo lançou contra nós a agressão armada.

Numa primeira fase, a agressão armada ao nosso País teve como centro operacional directo o regime racista da Rodésia do Sul.

Além de desencadear ataques realizados pelas suas forças regulares, o regime rodesiano iniciou a infiltração de assassinos e saboteadores contra Moçambique.

A codézia racista contou-se com elementos da burguesia colonial que fugiram de Moçambique e que pretendiam recuperar as suas posições e os seus privilégios, recrutou mercenários, arrematou membros das forças especiais do exército colonial português, frades e criminosos comuns moçambicanos.

Dirigidos pelo exército rodesiano e treinados para a acção terrorista, para a destruição e para a sabotagem, estes assassinos e marginais foram organizados em grupos de bandos armados com o objectivo de acção no interior do nosso País.

Este facto, somado aos efeitos das calamidades naturais que temos enfrentado nos últimos anos, constitui a causa principal dos graves problemas económicos que vivemos. Estes traduzem-se pela escassez generalizada de bens essenciais, pela diminuição da produção em grande número de sectores de actividade, pelo declínio das exportações e do rendimento dos serviços e pelo empobrecimento acentuado das condições de vida do povo.

A agressão imperialista, sob as suas formas diversas, enfraqueceu a nossa economia, forçou a interrupção do processo de reconstrução e de desenvolvimento que iniciámos com êxito após a Independência, obrigando-nos ainda à fome e à miséria.

Mas não atingiu o seu objectivo essencial. Não destruiu as conquistas da nossa Revolução, não destruiu o poder popular e o nosso Estado de operários e camponeses, não separou o povo do seu Partido e do seu Estado, não abalou a nossa determinação de defender e preservar a Pátria Socialista moçambicana.

Em síntese, a agressão contra Moçambique não derrotou o Governo da FRELIMO, não conseguiu fazer parti-

cipar os bandos armados no Governo da FRELIMO. Queriam que participássemos o Governo com os colonos, com estrangeiros. A agressão contra o nosso País não abalou os princípios fundamentais da Revolução Socialista em Moçambique, não conseguiu estimular o tribalismo, o regionalismo, o racismo.

A acção do inimigo não abalou a unidade nacional reformadora. Os largos massas populares reconheceram no nosso Estado e nas transformações que operámos na sociedade a expressão dos seus interesses e aspirações. Reconhecem no nosso Partido a força dirigente que assegura a sua realização.

Comecemos na nossa vida Independente num país saqueado pelo colonialismo e destruído pela guerra colonial. Nestes dez anos, tivemos que enfrentar a guerra e agressões movidas pelo imperialismo e os seus agentes. Sofremos os efeitos devastadores das calamidades naturais. Apesar disso, a nossa sociedade transformou-se profundamente no sentido das aspirações populares.

Somos um País soberano e independente em que o poder exprime a vontade do povo. Liquidámos na nossa sociedade a discriminação. No nosso País todos os cidadãos são iguais perante a Lei, todos têm os mesmos direitos e deveres, independentemente da raça, na tribo, da região de origem, da crença religiosa.

Edificamos a democracia. A todos os níveis, da aldeia comum ao órgão supremo do Estado o nosso povo exerce o poder, através das Assembleias do Povo.

Os camponeses, trabalhadores combatentes, que com a enxada e a arma, sob a ameaça constante do banditismo, produzem para o povo e constroem uma vida nova e melhor;

Os operários agrícolas, industriais e de construção que, apesar das dificuldades, mantêm um alto grau de organização e disciplina, defendendo abnegadamente as suas unidades de produção;

Os camionistas, ferroviários, motoristas de mactambos, pilotos, marinheiros, todos os trabalhadores dos transportes, cujo heroísmo e determinação permitem manter em funcionamento as vias de comunicação, atenuando as dificuldades do nosso País;

Os professores, os médicos, os enfermeiros, todos os que nas frentes da Educação e da Saúde, lutando contra enormes dificuldades e tantas vezes com o risco da própria vida, tornam possível que ao nosso povo chegue a luz do conhecimento e o alívio dos cuidados médicos;

Os que no comércio e na distribuição do abastecimento do povo, e em especial os que com zelo e coragem garantem a comercialização agrícola, cuja acção é decisiva para o desenvolvimento da economia nacional;

Os técnicos, os especialistas, os directores de empresa que, muitas vezes sob a ameaça do inimigo, asseguram o funcionamento dos sectores por que são responsáveis;

Os intelectuais e artistas patriotas, que têm sabido transformar a luta heróica do nosso Povo em canções, em danças, em literatura, em poesia, em teatro, em cinema, em fotografia, em artes decorativas que nos dão a verdadeira dimensão cultural do nosso combate e nos mobilizam para novas batalhas;

Os deputados, os funcionários administrativos que garantem, mesmo nas condições mais adversas, o funcionamento regular das estruturas do nosso Estado, o exercício do nosso poder;

Os quadros e membros do Partido e das Organizações Democráticas de Massas — alvos prioritários do inimigo — cuja total dedicação ao nosso Povo e à sua defesa, em momentos mais difíceis, prestam ao nosso País o seu apoio solidário.



As crianças que agora nascem viverão melhor do que os nossos avós, os nossos pais e nós próprios. É para elas para os nossos filhos, que lutamos e trabalhamos



Implantamos os alicerces de uma nova sociedade e construímos um País prestigiado no Mundo.

São realizações históricas, de que todos os moçambicanos se orgulham. Na alvorada de uma nova década de vida do nosso País independente, recordemos os nossos esforços, fortaleçamos a nossa unidade, renovemos em uníssono o juramento sagrado de defender a Pátria, de preservar a liberdade, de construir o futuro de felicidade e paz, de justiça e fraternidade entre todos os moçambicanos.

Com coragem e determinação, guiados pelo Partido Frelimo, inspirados pelo exemplo sublime dos nossos heróis, celebremos a certeza da vitória.

A LUTA CONTINUA!  
A REVOLUÇÃO TRIUNFARÁ!  
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ!  
PARABENS  
POVO MOÇAMBICANO!